

Empreendedorismo Pedagógico e Auto-Eficácia: Missão Pessoal e Visão de Longo Prazo a Serviço da Transformação da Sociedade

AUTORES

MARCOS BIDART C. DE NOVAES

Universidade Municipal de São Caetano do Sul
bidart@uol.com.br

ANTONIO CARLOS GIL

acgil@uol.com.br

HEIDY R. RAMOS

Universidade de São Paulo
heidyr@gmail.com

MARINA CARRILHO SOARES

Faculdade de Economia Administração e Contabilidade FEA USP
marinacarr@gmail.com

Resumo

O objetivo do presente trabalho é analisar e discutir como um padrão de auto-eficácia pode ter influenciado a trajetória de vida de duas empreendedoras na área da pedagogia. Mais especificamente explorar como se consolidou o desejo destas duas mulheres na abertura de seus negócios, que reflexões as nortearam e como atraíram pessoas e recursos para a consecução dos mesmos. Para tanto os autores apresentam brevemente as principais vertentes e perspectivas na pesquisa sobre o empreendedorismo e apresentam sua visão sobre o empreendedorismo feminino. A seguir é apresentada a relação entre o conceito de auto-eficácia e estudos sobre empreendedorismo. A auto-eficácia é um traço de personalidade que afeta a motivação para realizar com sucesso as tarefas, bem como a escolha de uma determinada carreira profissional, ou o grau de tolerância para enfrentar determinadas situações adversas e a percepção individual acerca do risco. Com o uso de depoimentos pessoais de duas mulheres empreendedoras na área de educação, os autores exploram principalmente as similaridades entre eles e concluem que pode se depreender do discurso de ambas a existência deste traço de personalidade.

Abstract

The aim of this paper is to analyze and discuss how a self-efficacy pattern may have influenced the life course of two women, who are pedagogic entrepreneurs. More specifically, the aim is to explore how their desire to start their own businesses was shaped, which reflections guided them through this process and how they managed to attract the people and resources needed to their purposes. Hence, the authors present a brief view of the main strands and perspectives present in the entrepreneurship research, as well as their own visions over this matter. This review is followed by the exposition of the main concepts of self-efficacy and some recent studies regarding the entrepreneurship subject. Self-efficacy is a personality feature that affects the motivation to successfully accomplish tasks, as well as the choices for certain careers. It also

affects one's tolerance to deal with adversity and the individual perception about risk. Using the personal statements of these two women, the authors explore the similarities between them and conclude that it is possible indeed to notice the self-efficacy trait in their speeches.

Palavras-Chave: Empreendedorismo, auto-eficácia, empreendedorismo feminino.

1. Introdução

As menções sobre o tema empreendedorismo mais freqüentemente encontradas partem das idéias de Schumpeter (1942). Este autor percebe o empreendedorismo como um processo de criação e destruição e entende o empreendedor como um inovador em busca de novas oportunidades, novos produtos, processos, formatos organizacionais, insumos, matérias primas etc. Na concepção de Peter Drucker (1986), não só a inovação, mas também a percepção da mudança e dos cenários criados por ela, fazem parte do fenômeno empreendedor.

O paradigma neoclássico vigente e as constantes citações ao processo de acirramento da concorrência global induzem, por vezes, a crer que o conceito de empreendedorismo está sempre orientado para a abertura de novos negócios por indivíduos voltados para a geração de lucro e capital financeiro. Este privilégio dado a ações individuais se deve a uma perspectiva atomística e comportamental do tema (ALBAGLI e MACIEL, 2003) baseada em uma racionalidade estritamente econômica e focada em atributos pessoais do indivíduo empreendedor, como auto-conhecimento, controle, baixa aversão ao risco, capacidade de romper com padrões e outras. Como estes atributos estão a princípio desigualmente distribuídos na população, apenas a alguns indivíduos seria permitido empreender.

O empreendedorismo vem sendo cada vez mais discutido como um fenômeno que não tem suas origens apenas em características pessoais e psicológicas. De forma resumida pode-se dizer que a presente pesquisa se dá seguindo vertentes estruturalistas, construtivistas e motivacionais (ORHAN, 2001; GREVE e SALAFF, 2003), uma vez que se origina em um cruzamento de inclinações e interesses pessoais com estruturas e evoluções da sociedade. Uma das formas de compreender o fenômeno empreendedor é a partir dos relatos pessoais de empreendedores. Isto pode ser feito por meio da obtenção de depoimentos de membros de grupos sociais específicos, de culturas específicas, ou com orientações profissionais específicas. Estes relatos proporcionam um olhar que foge da atitude hegemônica de cunho marcadamente objetivista, que permeia o estudo de empreendedorismo.

No âmbito deste artigo foram obtidos os depoimentos pessoais de duas empreendedoras na área da educação e pedagogia. Uma empreendedora social de renome, a Sra. Dagmar Garroux (Tia Dag), presidente da Casa do Zezinho, organização sem fins lucrativos que atende 1200 crianças e adolescentes na Zona Sul de São Paulo e a outra empreendedora, a Sra. Janaína Jordão, sócia-diretora de colégio na Zona Leste de São Paulo considerado como modelo pelos autores deste artigo.

O objetivo do presente artigo é analisar e discutir como o padrão de auto-eficácia (BANDURA, 1977) esteve presente na trajetória de vida destas duas empreendedoras na área da pedagogia. Mais especificamente explorar como se consolidou o desejo destas duas mulheres na abertura de seus negócios, que reflexões as nortearam e como atraíram pessoas e recursos para a consecução dos mesmos.

O presente trabalho se justifica, então, pelo fato de que as falas dos empreendedores podem contribuir para esclarecer de forma subjetiva e intersubjetiva como as vertentes de estudo do empreendedorismo se unem. Interessa saber como os atores, em especial estas mulheres, se vêem e como vêem o contexto que os cerca; o que aceitam ou rejeitam, o que valorizam ou desvalorizam e o que acham que vale ou não a pena. As falas desses atores constituem elementos privilegiados para esse tipo de investigação, ainda mais por se tratarem de pessoas altamente motivadas e que desde cedo sabiam o que desejavam construir.

O artigo apresenta brevemente esta divisão entre as vertentes de pesquisa sobre o fenômeno empreendedor, diferentes perspectivas que estes estudos assumem, a visão dos autores

sobre a questão do empreendedorismo feminino e relaciona empreendedorismo com a teoria da auto-eficácia.

1. Vertentes da pesquisa sobre empreendedorismo

O empreendedorismo é um tema recorrente tanto no ensino quanto na pesquisa em Administração. Constitui disciplina específica em cursos de graduação e orientação principal de cursos de pós-graduação *lato sensu*, bem como área de interesse de congressos científicos de administração. O foco de grande parte das pesquisas são questões ligadas à inovação tecnológica, incubação de empresas e à gestão de pequenas e médias empresas num ambiente caracterizado por novas formas de relações de trabalho. Ou, ainda, à necessidade de que, mesmo aqueles que encontrem emprego assalariado, se comportem como empreendedores dentro das organizações em que venham a atuar, com comportamento inovador e disposição para aceitar riscos (intraempreendedorismo).

Constata-se, hoje em dia, um interesse em estudar o empreendedorismo não só do ponto de vista individual, mas, também, do ponto de vista estrutural e de como as estruturas macroeconômicas causam impacto sobre a iniciativa e capacidade empreendedora de segmentos específicos da população. Shane (*apud* BARAHONA *et al.* 2006) propõe que a base para uma teoria geral do empreendedorismo seja estabelecida sobre fatores tanto psicológicos, quanto não psicológicos. Torna-se, portanto, importante estudar a realidade social de pessoas envolvidas em diferentes áreas de atuação, de diferentes grupos e em diferentes países e culturas, a fim de identificar diferentes maneiras de lidar com obstáculos específicos, preconceitos, assim como oportunidades. Hoje se estuda, também, até que ponto fatores estruturais, cognitivos e motivacionais facilitam ou dificultam a formação das atitudes e redes necessárias para o sucesso empreendedor (ORHAN, 2001; GREVE & SALAFF, 2003).

O estruturalismo, por definição, é uma maneira de ver a sociedade que praticamente desconsidera as ações individuais. De acordo com esta visão, todas as ações do indivíduo estariam determinadas pelas estruturas sociais. No que diz respeito ao empreendedorismo, a capacidade de inovar, a criatividade e outras características pessoais seriam pontos secundários, sendo mais importante a maneira pela qual os indivíduos são influenciados pelo ambiente que os cerca. Dentro deste quadro de condicionamento do indivíduo pelas circunstâncias sociais se enquadrariam algumas formas do assim chamado empreendedorismo feminino, considerado aqui como uma forma de dominação masculina, já apontada por Mill (1869, p.7, tradução livre dos autores):

Para manter a obediência, os mestres de escravos se baseavam no medo; tanto o medo deles próprios, quanto os medos de natureza religiosa. Os mestres das mulheres buscavam mais do que a simples obediência, e, assim, eles utilizaram toda a força da educação para efeito de seus propósitos. Todas as mulheres são criadas, desde os primeiros anos de vida, na crença de que o ideal de caráter feminino é justamente aquele que se opõe ao masculino; não a vontade própria e o autocontrole, mas a submissão e o rendimento ao controle alheio.

Sob este prisma, muito do que se chama empreendedorismo feminino é, na verdade, dominação masculina. Esta se manifesta de duas formas: a primeira, quando uma esposa, filha ou parente é fortemente encorajada a assumir um empreendimento existente, mesmo que ela talvez tivesse optado por outro tipo de atividade. A segunda é quando as dificuldades encontradas por

mulheres no campo profissional, como a exclusão de cargos estratégicos (BAUGHN, 2006; MORAES, 2008, LINDO, 2004), dificuldades de acesso a crédito (MARLOW; PATTON, 2005) ou a discriminação mais básica contra o trabalho feminino (ONU, 2005) as empurram à criação de negócios, quando o contexto na realidade é de necessidade de sobrevivência e total insatisfação com a realidade imposta pela sociedade.

Já o construtivismo afirma a interdependência entre os indivíduos e as estruturas, conforme a teoria da estruturação de Giddens (*apud* ORHAN, 2001). Esta teoria concebe uma dinâmica circular entre as partes acima, sendo os indivíduos percebidos como agentes de mudança da sociedade no longo prazo e, portanto das estruturas. As pesquisas sobre a evolução da situação feminina podem ser compreendidas pela visão construtivista. No que tange ao empreendedorismo, pode-se considerar que as motivações causadas por necessidade são relacionadas com esta abordagem. Esta afirmação é feita uma vez que este tipo de empreendedorismo parece ser uma forma de compromisso entre as restrições impostas pelas estruturas (mercado de trabalho, insatisfação com o próprio trabalho ou desejo de equilibrar profissão e família) com os recursos ou competências individuais.

McQuaid (2002), propõe que há cinco grupos de perspectivas sobre o empreendedorismo, que se sobrepõem. São elas: (1) uma função da economia; (2) o começo de um novo negócio; (3) o gerente-proprietário de uma pequena ou média empresa; (4) um conjunto de características pessoais e; (5) uma forma de se comportar.

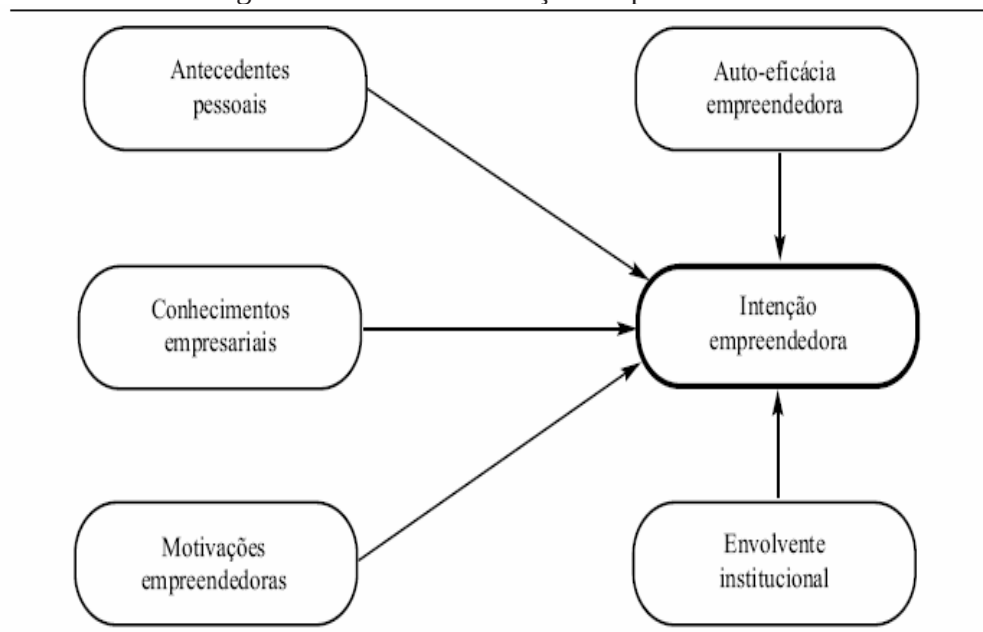
Em relação a estes dois últimos aspectos é importante frisar o posicionamento dos autores deste trabalho. Mulheres que não são obrigadas pelos mecanismos mais ou menos sutis de dominação masculina expostos acima, são simplesmente empreendedoras, e não “empreendedoras femininas”. Elas têm uma visão de um produto ou serviço e o desejo de desenvolver um projeto próprio que não depende de gênero. Desenvolvem-se como empreendedoras movidas pelo que autores de língua inglesa chamam de “*pull factors*”, ou seja, um impulso interno e não por “*push factors*” da família ou sociedade. Assumir diferenças de gênero essenciais afeta questões, hipóteses e métodos de pesquisa podendo levar a resultados duvidosos (AHL, 2006).

2. Empreendedorismo e Auto-Eficácia

A auto-eficácia explica o grau em que uma pessoa acredita nas suas próprias capacidades para desempenhar uma determinada tarefa, conforme teoria formulada por Bandura (1977). Trata-se de um traço de personalidade que afeta a motivação para realizar com sucesso as tarefas, bem como a escolha de uma determinada carreira profissional, ou o grau de tolerância para enfrentar determinadas situações adversas e a percepção individual acerca do risco (BANDURA, 1982). Esta teoria faz a distinção entre a expectativa de eficácia e a expectativa de resultado. Esperar que um comportamento leve a um determinado resultado pode ainda não ser suficiente para mobilizar um indivíduo. Já a expectativa de eficácia é a convicção de que ele próprio consegue realizar com sucesso, o comportamento necessário para produzir tais resultados. Como formulado por Carvalho e González (2006, p. 55), a expectativa de resultado e a expectativa de eficácia “diferenciam-se porque o indivíduo pode acreditar que determinada ação conduz a determinado resultado, mas, se tiver dúvida acerca da sua capacidade para realizar essa ação, a crença inicial não influencia o seu comportamento”.

Carvalho e Gonzalez (2006) consideram a auto-eficácia um dos elementos que explicam a intenção empreendedora, conforme modelo abaixo:

Figura 1: Modelo de Intenção Empreendedora



Fonte: Carvalho e González (2006, p. 45)

Foge ao escopo deste artigo se aprofundar nas questões ligadas aos quatro outros aspectos do modelo. A decisão dos autores pelo estudo da relação entre auto-eficácia e empreendedorismo se deve ao fato de que não são frequentes os estudos no Brasil que adotam esta abordagem. Apenas como exemplo, na edição mais recente do EGEPE (V Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas, 2008) e do EnANPAD, em 2007, não foi possível localizar artigos que estabeleçam esta relação.

A teoria da auto-eficácia foi aplicada, por alguns autores, no estudo da intenção empreendedora (CARVALHO e GONZÁLEZ, 2006). Este conceito avalia a percepção individual sobre a viabilidade da criação de um novo negócio. Na avaliação da auto-eficácia os pesquisadores questionam os indivíduos sobre se conseguem realizar com um determinado nível uma tarefa específica (as respostas são do tipo sim ou não) ou então os questionam, utilizando para o efeito uma escala de avaliação que pode variar entre a total certeza até à total incerteza, acerca do seu grau de confiança no desempenho de uma determinada tarefa (LEE & BOBKÓ, 1994).

A auto-eficácia parece estar associada aos processos que levam as pessoas a envolverem-se totalmente e de forma produtiva, entusiasta e enérgica, numa determinada tarefa ou projeto. Além do autocomprometimento, também a capacidade de comprometer os outros é certamente um fator crítico no caso dos empreendedores, que pode ser considerado como “magnético” (LOPES *et al.* 2006, p.120). É esta característica que permite ao empreendedor atrair os recursos necessários para a realização de seu sonho pessoal.

O empreendedorismo, quando praticado neste contexto de auto-eficácia, é sempre, no entendimento dos autores deste trabalho, uma forma de explorar oportunidades. Entende-se oportunidade no sentido empreendedor como (SARASVATHY *et al.* 2003): (1). Uma nova idéia ou invenção que pode ou não levar ao alcance de fins econômicos; (2) crenças sobre o ambiente favorável ao alcance destes fins; (3) ações que quando implementadas tornam reais estes fins, por

meio de novos artefatos, que podem ser bens ou serviços, entidades como empresas ou mercados, ou ainda normas e padrões.

3. Metodologia

O paradigma interpretativista (BURREL e MORGAN, 1979) parte do princípio que a realidade social não existe em termos concretos, mas é um produto das experiências subjetivas e intersubjetivas das pessoas. São as pessoas que constroem e mantêm simbolicamente a realidade. Dessa forma, as pesquisas desenvolvidas sob esta ótica, como é o caso deste artigo, não têm como objetivo a busca da certeza, nem a generalização absoluta. No contexto deste paradigma, o empreendedorismo seria estudado a partir da própria representação das pessoas e a unidade básica de análise seria, portanto, a realidade simbólica compartilhada pelos sujeitos.

Neste paradigma, a história de vida aparece como método privilegiado, já que permite captar o que acontece no ponto em que se cruzam a vida individual e o contexto social. Embora caiba ao pesquisador formular as questões ou elaborar o roteiro temático, é o próprio narrador que decide o que narrar (QUEIROZ, 1991). Ela possibilita a narrativa de cada um dos pesquisados, da maneira como eles a reconstróem e do modo como pretendem que sua vida seja narrada. Os narradores é que dão forma e conteúdo às narrativas à medida que interpretam suas próprias experiências e o mundo no qual elas são vividas. Trata-se, portanto, de um dos métodos mais adequados para conferir sentido à noção de processo, já que permite que o assunto seja estudado do ponto de vista de quem o vivencia, com suas suposições, pressões e constrangimentos (HAGUETTE, 2003).

A base da história de vida e dos depoimentos pessoais é, portanto o depoimento gravado. A entrevista que é um processo de conversação entre pesquisador e narrador, no qual o narrador é a fonte dos dados, mas não o objeto do estudo. “A matéria-prima para o trabalho do pesquisador é a narrativa do indivíduo entrevistado; é por meio dela que o pesquisador tenta apreender as relações sociais em que o fenômeno relatado e seu narrador estão inseridos” (ICHIKAWA e SANTOS, 2006).

No caso deste artigo é mais adequado falar em depoimentos pessoais, do que em história de vida. Estes se concentram sobre um lapso de tempo reduzido ou sobre um aspecto determinado da vida do depoente, permitindo o aprofundamento de detalhes a respeito deste espaço de tempo ou assunto, que revele as ações do indivíduo como agente humano e como participante da vida social (KOSMINSKY, 1986). Segundo Queiroz (1987), a grande diferença entre história de vida e depoimento pessoal, reside na forma específica de agir do pesquisador. Ao colher um depoimento, o pesquisador conduz a entrevista, para, a partir da história de vida de seu entrevistado, apreender os acontecimentos que se relacionam diretamente com seu trabalho ou empreendimento.

As entrevistas aqui apresentadas foram conduzidas na forma de entrevistas conversacionais livres, que giram em torno de um tema, mas em que as perguntas surgem naturalmente “nos contextos e no curso natural à interação, sem que haja uma previsão de perguntas nem de reações a elas” (GODOI e MATTOS, 2006 p.304). O êxito da técnica depende fundamentalmente da habilidade de sentar calmamente e escutar, de estar disposto a deixar o narrador expressar-se livremente, de ser perspicaz na condução da entrevista não tendo receio de interromper em determinados momentos com perguntas ou comentários breves.

Os depoimentos em questão pressupunham liberdade ao narrador, mas foi elaborado pelo pesquisador um roteiro dos temas que pretendia abordar. Obviamente este roteiro era flexível e permitia a incorporação de temas que podiam ocorrer durante a própria entrevista.

As tomadas de depoimento foram conduzidas com integridade e garantindo ao entrevistado a possibilidade de interromper a entrevista a qualquer momento e de rever o texto antes de qualquer publicação. Foram realizadas duas entrevistas, cada uma de aproximadamente 40 minutos, as quais foram gravadas.

Para a análise das entrevistas foram seguidas as sugestões de Mattos (2006). Esta foi feita sem a utilização de *softwares* de análise de conteúdo. Buscou-se apenas proceder à análise categorial com o olhar exaustivo dos autores. “Esta pretende tomar em consideração a totalidade de um texto, passando-o pelo crivo da classificação e recenseamento, segundo a frequência (ou da ausência) de itens de sentido”, conforme Bardin (2002, p. 36-37, *apud* MATTOS, 2006 p.352). São estas classificações e categorias, obviamente impregnadas pela releitura subjetiva dos fatos da comunicação feita pelo pesquisador que são apresentadas abaixo.

4. A Trajetória de Vida de duas Empreendedoras Pedagógicas

Um dos autores da pesquisa conhecia a primeira das depoentes há cerca de 5 anos, por ter se envolvido em um trabalho na ONG Casa do Zezinho como voluntário. A Casa do Zezinho constitui uma entidade que atende 1200 crianças e adolescentes consideradas de alto risco social, em sua sede no Capão Redondo, Zona Sul de São Paulo. Sua presidente, conhecida como Tia Dag, formada em Pedagogia pela USP, sempre teve idéias inovadoras acerca do universo da educação, característica esta que também dificultaram sua permanência em escolas tradicionais. Saulo Garroux, artista plástico e seu marido, atua como Diretor de Arte-Educação da ONG.

O mesmo autor teve contato com a segunda das entrevistadas quando da realização de um encontro com alunos sobre profissões no Colégio Ranieri, da Zona Leste de São Paulo. Esta instituição atende, atualmente, a 700 alunos, aproximadamente. A arquitetura arrojada do colégio, a maneira de lidar com os alunos e a presença dinâmica de professores e da sócia-diretora chamou a atenção do autor da pesquisa, que optou por entrevistá-la.

Antes do início da gravação foi explicado às entrevistadas o contexto do evento, o tema empreendedorismo, e que o depoimento seria o menos dirigido possível. Também foi ressaltado que poderiam solicitar que o depoimento fosse interrompido a qualquer momento, que qualquer trecho fosse excluído e que teriam direito a ler a pesquisa em sua versão final, antes da mesma ser encaminhada para congressos ou periódicos.

O depoimento da Tia Dag teve duração de 37 minutos e durante o mesmo só foi feita uma pergunta inicial versando sobre o que a depoente acreditava ser a origem de seu empreendedorismo social, de onde vinha o impulso e a energia para empreender. Ao longo do mesmo foram feitas breves intervenções para realinhar a conversa para o empreendedorismo social ao longo da vida da entrevistada (escola, faculdade, momento atual).

A entrevista da Sra. Janaína Jordão durou 32 minutos, praticamente sem interrupções, também com breves realinhamentos da conversa para o tema central do empreendedorismo.

A seguir são apresentadas as principais categorizações extraídas das entrevistas. Os autores do trabalho focaram na busca de similaridades entre os depoimentos. As frases em *itálico* abaixo são transcrições literais de frases gravadas.

4.1.Família

As duas entrevistadas dão grande peso à família no que tange à origem de seu comportamento empreendedor.

Tia Dag: Meus pais perderam tudo e reconstruíram tudo. Graças ao saber do pai e ao saber da mãe. Acho que meu impulso empreendedor vem de DNA.

Janaína: Um pouco acho que é também pelo jeito do meu pai. Meu pai é assim e eu acho que me espelhei um pouco no espírito dele.

Interessante é observar que apesar desta afirmação os pais de ambas eram profissionais liberais (engenheiro e advogado, respectivamente). No caso da primeira entrevistada, era empregado de uma grande empresa. Ela faz, no entanto, referência ao espírito empreendedor da mãe, comerciante, enquanto que a segunda entrevistada não fez referência à figura materna.

Nas duas entrevistas há referência a exemplos de sucesso na família:

Tia Da: Minha mãe construiu um patrimônio absurdo, com aquele dom que só algumas pessoas têm, de ser uma grande empreendedora.

Janaína:... a família é de um grupo de empresas de muito sucesso.

4.2 O início pequeno e com poucos recursos

Nas duas entrevistas pode-se perceber a determinação em começar, mesmo que com recursos escassos.

Tia Dag: Eu tinha uma escola - não era bem uma escola, era na minha casa, porque eu nunca consegui trabalhar em lugar nenhum, até por esse temperamento, e por acreditar numa educação muito diferente.

Janaína:- As coisas eram um pouco diferentes do que são hoje; a gente pintava parede mesmo naquela época; foi construído pela gente, era aqui perto... Uma casa nossa que a gente adaptou...

4.3 O apoio dos familiares

Ambas as entrevistadas relatam o apoio carinhoso e incondicional dos pais.

Tia Dag: Fui expulsa de três escolas de São Paulo com aqueles rótulos todos: que eu não iria dar em nada, que eu não iria ser boa mãe, que eu era uma pessoa que não sabia andar nas regras. E meu pai e minha mãe tinham uma visão totalmente diferente. Meu pai via o seguinte: quando eu era expulsa, meu pai chegava na escola e falava “essa escola é muito burra para a minha filha”.

Janaína: E aí eu fiquei na dúvida cruel: “o que eu vou fazer da vida?” e eu lembro que nessa época meu pai me influenciou bastante, ele falou assim: “você tem que ir para onde você acha que você vai gostar mais, não adianta você pensar só no salário agora. Você pode ir para esse lugar agora para ganhar um salário bom, e continuar ganhando esse salário para o resto da vida”.

4.4. Inconformismo com a educação tradicional

Cada uma de sua forma, com um grau de inconformismo e contando episódios críticos bem diferentes, ambas expressam seu inconformismo com o uso de violência e autoritarismo na educação.

Tia Dag: Por exemplo, na época era Juizado de Menores, onde eu fui fazer um estágio, eu ia denunciar os maus tratos, eu não entendia aquilo como educação, eu não entendia que bater, torturar, oprimir, nunca entendi que isso resolveria nada, então eu denunciava.

***Janaína:**... Ele tinha muita coisa para resolver enquanto diretor e aí era hora da aula, então normalmente ele subia atrasado, e aí subia, gritava com todo mundo, pegava aluno pela orelha porque estava fazendo bagunça, então essas coisas, acho que foram me motivando, também, a falar: “isso aqui está errado, não é desse jeito!”...*

4.5 Liderança

Empreendedorismo e liderança são fenômenos com muitos aspectos correlatos. As frases das duas empreendedoras atestam isso:

***Tia Dag:** Eu tinha 13 anos e estava na oitava série, e eu liderava a sala inteira.*

***Janaína:** A brincadeira que eu mais gostava era de escolinha, sempre gostei muito de liderar. Então se era para brincar de escolinha, eu era a professora, não me contentava em ser o aluno.*

4.6. O impulso empreendedor

Frases simples presentes nas duas entrevistas demonstram a motivação, a inquietude e a intenção empreendedora.

***Tia Dag:-** Ai a gente falou: “não, vamos alugar e vamos começar”. E aí eu falei: “eu vou trabalhar e vou atender realmente quem quer”.*

***Janaína:** E a gente mergulhou de cabeça nesse projeto, que foi uma coisa muito importante para a gente e muito difícil de ser feita.*

***Tia Dag:...** Porque eu já dizia: “você não fazem, então dá aqui que eu faço”, e eu os punha para falar: “você vai fotografar, você vai não sei o que...”*

***Janaína:** Não tenho preguiça. Para mim... ”Ah, vamos fazer?”, então vamos fazer. E eu não tenho medo, também, eu não fico pensando: “será que vai dar certo? E se não der certo?”, eu não tenho isso, não penso nisso.*

***Janaína:** Eu não vou muito pela razão, eu penso no lado bom, que vai ser legal e esqueço o resto e enfio as caras. Quando a gente resolveu montar o berçário também: eu fui do lado, conversei com o proprietário e falava: “vamos alugar!”, eu não ficava fazendo contas se ia dar para pagar o aluguel, quantos alunos eu preciso ter, eu não ia muito por esse lado. Eu achava que tinha que fazer um negócio legal e se eu fizesse uma coisa legal ia acontecer. E eu não tenho também... Se eu tiver que fazer, eu vou e faço, não tenho muita preguiça nesse sentido de... Tem gente que pensa que vai fazer e fala: “ah, mas não vai valer a pena, vou ter que trabalhar muito”, eu não fico muito medindo esforços. Às vezes eu invento uma coisa doida, de última hora... A festa de dia das mães é no sábado, na quarta-feira alguém tem uma idéia legal, eu nem penso que não vai dar tempo, se precisar a gente vira a noite, mas eu vou e faço.*

***Tia Dag:** Quando eu precisava de dinheiro, e eu detestava pedir dinheiro pro meu pai ou pra minha mãe, a gente tinha uma mesada, mas queria sempre mais, então eu fazia suco para vender na porta de casa, eu topava limpar jardim dos outros, eu sempre quis estar na frente, então eu entrava para trabalhar em qualquer loja: “você estão precisando de alguém para trabalhar aí de fim de semana?”, já ia lá, enfim... Foi sempre assim, estar sempre na dianteira, a minha independência sempre foi uma coisa maluca, de vida. Levei bastante porrada por conta disso, mas é isso...*

4.7 A vontade de fazer diferente

O comportamento empreendedor é freqüentemente associado á inovação. Esta se manifesta nas entrevistas da seguinte maneira:

Tia Dag: *Acho que carente todo mundo é, rico, pobre é tudo carente. Mas quero atender as crianças que eu chamo de risco, porque a miséria impede de sonhar. Meu lucro aqui é ver um Zezinho fazendo o que quer, a exemplo desse empreendedorismo todo. Quer ser pipoqueiro, então a barraquinha de pipoca dele vai ter néon, vai ter uma pipoca diferenciada.*

Janaína: *E quando a gente decidiu vir para cá, quando a gente começou a riscar esse projeto, a gente queria sair do que é normal nas escolas, porque as escolas vão crescendo e vão fazendo seus puxadinhos, vão aumentando.*

4.8 Planejamento

As duas entrevistadas relatam uma forma de planejar orgânica e pouco estruturada. Nos dois casos o pesquisador formulou a pergunta sobre como foi o planejamento, obtendo as seguintes respostas:

Janaína: *Na verdade a gente tinha vontade. Compramos o terreno, não sabíamos o que íamos fazer, mas compramos o terreno e aí começamos a pensar no que ia fazer. E aí no primeiro momento foi tentar buscar uma pessoa, um arquiteto, para ajudar a gente a ver o que cabia aqui dentro, o que a gente conseguia fazer. Tivemos muita dificuldade aí nesse primeiro passo, foi muito difícil porque nós falamos acho que com dois ou três arquitetos, e tinham uma idéia muito diferente queríamos fazer. Se a gente tivesse colocado mais salas de aula aqui a escola seria mais viável, mas não teria o que gostaríamos de praticar aqui dentro. E aí os arquitetos com quem a gente conversava montavam um caixote lotado de salas de aula.*

Tia Dag: *Não tenho plano formal... Eu não consigo entender planilha, eu não vejo as pessoas por planilha, eu vejo a pessoa pelo que ela é. Mas quando o cara tem uma liderança ele precisa entender que ele precisa de um grupo, que vai falar: “olha, puxa um pouco aí o que tem de bom porque você está voando um pouco aqui, está faltando um pouco ali”. Não tenho plano em planilha, mas tenho visão. A noção de visão faz com que eu vá buscar mais. O diabo pensa em linha reta. Eu penso em espiral. Zezinhos fazendo faculdade, donos de academia, de curso de informática.*

5. Considerações finais

Existem vários níveis de motivação individual. Lembrando os postulados de Maslow (1954), uma vez satisfeitas as necessidades básicas, os indivíduos se voltam para seus desejos de crescimento, realização pessoal e de preenchimento da auto-estima. Mulheres como as descritas neste trabalho possuem este desejo de definir sua própria identidade e realizar seus sonhos, independente da visão masculina e das normas sócio-estruturais.

O impulso empreendedor apoiado na auto-eficácia é uma das maneiras para se atingir esses objetivos de crescimento e realização. As entrevistas expõem pessoas que desde cedo mostraram saber o que queriam e atraíram os recursos necessários para seus empreendimentos. Com uma visão de longo prazo tão forte que atraíram seus familiares e maridos para seus projetos de negócio.

Em relação à questão da auto-eficácia, as duas entrevistadas apresentaram-se como pessoas convictas de suas possibilidades de influenciar de forma autônoma o ambiente e produzir resultados. Mostraram-se capazes de extrair vantagens das oportunidades e de identificá-las, encontrando formas imaginativas de contornar as restrições institucionais ou de contribuir para a sua mudança por meio da ação coletiva.

Este trabalho possui algumas limitações. Em primeiro lugar, por questões de tempo e de recursos, não foi possível explorar com uso de *softwares* o vasto material transcrito, o que será feito em pesquisas futuras. Teria sido ideal ter um número de entrevistadas maior, de 4 a 10.

Como sugestão para futuras pesquisas, recomenda-se a aplicação dos já existentes questionários de auto-eficácia em grupos maiores de empreendedoras e empreendedores, a fim de verificar a hipótese de que diferenças de gênero desaparecem com a crença na capacidade própria de produzir resultados. Diferenças que devem desaparecer com a lembrança de que o outro seja reconhecido como igual, quando a diferença lhe acarrete inferioridade, e como diferente, quando a igualdade lhe ponha em risco a identidade (Santos, 2000).

REFERÊNCIAS

- AHL, H. Why Research on Women Entrepreneurs Needs New Directions. **Entrepreneurship Theory and Practice**. p. 595-619 Baylor University, September, 2006.
- ALBAGLI, S.; MACIEL, M. L. . Capital social e desenvolvimento local. In: LASTRES, H.M.M.; CASSIOLATO, J.E.; MACIEL, M.M.. (Org.). **Pequena empresa: cooperação e desenvolvimento local**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003. p. 423-440.
- BANDURA, A. Self-Efficacy: toward a unifying theory of behavioral change. **Psychological Review**, v. 84 n. 2, p. 191-215, 1977
- _____. Self-Efficacy mechanism in human agency. **American Psychologist**, v. 37 n. 2, p. 122-147., 1982
- BARAHONA, J.H.; CRUZ, N.M.; ESCUDERO, A.I.R. Education and Training as non psychological characteristics that influence university students' entrepreneurial behavior. **Journal of Entrepreneurship Education**, v. 9, 2006
- BAUGHN, C.C.; CHUA, B.; NEUPERT, K. The Normative Context for Women's Participation in Entrepreneurship: A Multicountry Study. **Entrepreneurship Theory and Practice**, Baylor University, September, 2006
- BURRELL, G.; MORGAN, G **Sociological Paradigms and Organizational Analysis**. London: Heinemann Educational Books, 1979
- DRUCKER, P. Innovation and Entrepreneurship. New York: Harper Perennial, 1986
- CARVALHO, P.M.R.; GONZÁLEZ, L. Modelo explicativo sobre a intenção empreendedora. **Comportamento Organizacional e Gestão**, v. 12, n. 1, p. 43-65, 2006
- GREVE, A.; SALAFF, J.W. Social Networks and Entrepreneurship. **Entrepreneurship Theory and Practice**. Baylor University: Outono, 2003
- HAGUETTE, T.C.F.; **Metodologias Qualitativas na Sociologia**, Petrópolis: Vozes, 2003

ICHIKAWA, E.Y.; SANTOS, L.W. Contribuições da História Oral á Pesquisa Organizacional. In: GODOI, C. K.; BENDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A.B. **Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais**, São Paulo: Saraiva, 2006

KOSMINSKY, E. Pesquisas qualitativas: a utilização da técnica de histórias de vida e de depoimentos pessoais em sociologia. **Ciência e Cultura**. São Paulo: v. 38 n 1. jan 1986

LEE, C.; BOBKOP. . Self-efficacy beliefs: comparison of five measures. *Journal of Applied Psychology*, v. 79 n. 3, p. 364-369, 1994

LINDO, M. R.; CARDOSO, P.M.; RODRIGUES, M.E.; WETZEL, U. Vida Pessoal e Vida Profissional: os Desafios de Equilíbrio para Mulheres Empreendedoras do Rio de Janeiro **RAC-E**. v. 1, n. 1, p. 1-15 Jan./Abr. 2004

LOPES, M.P.; PINA e CUNHA, M.; REIS, F. *Marketing* de ideias e construção de redes: As duas vias de atração de recursos para novos empreendimentos. **Comportamento Organizacional e Gestão**, v. 12, n. 1, p. 115-136, 2006

MARLOW, S.; PATTON, D. All Credit to Men? Entrepreneurship, Finance, and Gender. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 29 n. 6, p 717-735, Baylor University, nov. 2005

McQUAID, R.W. Entrepreneurship and Regional Development Policies. In: **ERSA 2002 European Regional Science Association**. CD-ROM on line do Congresso, disponível em < <http://www.raumplanung.uni-dortmund.de/rwp/ersa2002/en/home.htm> > acesso 12.jun.2008

MASLOW A. H. **Motivation and Personality**, New York: Harper & Row, 1954

MILL, J.S. **The Subjection of Women**. 1869. Disponível em < <http://feminism.eserver.org/history/docs/subjection-of-women.txt> > acesso 11. jun 2008

MORAES, J. et al. A motivação da mulher e sua atuação no empreendedorismo social. In: **V EGEPE Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**. São Paulo, 2008

ONU, Examen de los informes presentados sobre la eliminación de todas las formas de discriminación contra la mujer. **Convención sobre la eliminación de todas las formas de discriminación contra la mujer. Sexto informe periódico de los Estados partes**, 2005

ORHAN, M.; SCOTT, D . Why women enter into entrepreneurship: An explanatory model. **Women in Management Review**, v. 16 n. 5/6, p. 232-243, 2001

QUEIROZ, M.I. P. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

QUEIROZ, M.I.P. Relatos orais: do “indivisível” ao “divisível”. **Ciência e cultura**. São Paulo v. 39 n. 3, mar., 1987.

SANTOS, B. de S.. **A Crítica da razão Indolente**: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000.

SARASVATHY, S. D., DEW, N., VELAMURI, R. e VENKATARAMAN, S. Three Views of Entrepreneurial Opportunity, In: AUDRETSCH, D.; ACS, Z. **International Handbook of Entrepreneurship**, Boston, MA: Kluwer Academic Publishers, 2003

SCHUMPETER, J.. **Capitalism, Socialism and Democracy**. London: George Allen and Unwin, 1942.